

Resistência e complementaridade biopolítica no dispositivo de religiosidade: Três estudos de caso na Amazônia¹

Biopolitical resistance and complementarity in the apparatus of religiosity: Three case studies in the amazon

CAIO AUGUSTO TEIXEIRA SOUTO

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM.
Professor do Departamento de Filosofia da UFAM. Doutor e Mestre em Filosofia pela UFSCar
caiosouto@gmail.com

ALEX ARAÚJO MAR

Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM.
Graduado em Pedagogia pela UNINORTE
alex.mar@outlook.com.br

BRUNA DO CARMO REIS LIRA

Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM. Bacharela em Comunicação Social –
Jornalismo pela UFAM
brunalira983@gmail.com

YANDREI SOUZA FARIAS

Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM. Bacharel em Comunicação Social –
Jornalismo pela UFAM
yandreifarias@gmail.com

RESUMO

Artigo que examina a dinâmica biopolítica entre resistência e controle no contexto religioso da Amazônia, analisando três casos específicos: os recomendadores de almas em Parintins, a prática da umbanda no mesmo município e o neopentecostalismo em Manaus. Em todos esses casos, observamos uma complementaridade na dinâmica biopolítica, com diferentes formas de resistência e controle em jogo. Por um lado, tanto os recomendadores de almas quanto a prática da umbanda representam formas de resistência à marginalização pela igreja tradicional, e o neopentecostalismo se destaca por exercer um controle social mais eficaz e difuso. Por outro lado, tanto entre os recomendadores de alma quanto na Umbanda, há também circulação e exercício de poder, uma vez que se trata de lideranças que fazem circular certos tipos de poder; ao mesmo tempo, no neopentecostalismo há também resistência e certo modo ético de governar a si mesmo, que escapa a uma análise simplista.

Palavras-chave: Amazônia. Resistência. Religião. Dispositivo. Biopolítica. Tradições populares.

ABSTRACT

This article examines the biopolitical dynamics between resistance and control in the religious context of the Amazon, analyzing three specific cases: the soul recommenders in Parintins, the practice of Umbanda in the same municipality, and neo-Pentecostalism in Manaus. In all these cases, we observe a complementarity in biopolitical dynamics, with different forms of resistance and control at play. On one hand, both the soul recommenders and the practice of Umbanda represent forms of resistance to marginalization by the traditional church, and neo-Pentecostalism stands out for exercising a more effective and diffuse social control. On the other hand, both among the soul recommenders and in Umbanda, there is also circulation and exercise of power, as these are leaders who circulate certain

¹ Recebido em 17 de março de 2024. Aprovado em 25 de maio de 2024.

types of power; at the same time, in neo-Pentecostalism, there is also resistance and a certain ethical way of governing oneself, which escapes a simplistic analysis.

Keywords: Amazônia. Resistance. Religion. Dispositive. Biopolitics. Popular traditions.

INTRODUÇÃO

A pluralidade cultural e religiosa da Amazônia é um campo fértil para explorar as dinâmicas entre resistência e controle biopolítico. Este artigo busca investigar algumas dessas complexas interações, focalizando três casos distintos: os recomendadores de almas em Parintins, a prática da Umbanda no mesmo município e o neopentecostalismo em Manaus. Por meio de uma análise fundamentada nos estudos biopolíticos, pretendemos expor a complexidade das dinâmicas de circulação e de exercício do biopoder que se estabelecem entre as práticas religiosas e culturais na região amazônica. Vale destacar que os três casos aqui analisados ocorrem em locais suburbanos, tanto na cidade de Parintins quanto em Manaus. Além disso, tais amostras têm correlatos em outras regiões e municípios amazônicos, refletindo uma ampla rede de práticas culturais e religiosas similares. A religiosidade popular pode abranger uma ampla gama de práticas e rituais que refletem a conexão íntima entre a fé e a vida cotidiana das comunidades.

A metodologia deste estudo foi diversificada e adaptada às particularidades de cada caso. No caso dos recomendadores de almas, uma tradição oriunda do catolicismo popular medieval português que sobrevive em Parintins, a metodologia consistiu em descrição etnográfica decorrente de observação participante e em entrevistas com integrantes do grupo “Caminhando com o Espírito Santo”, havendo também um documentário produzido sobre o grupo, disponível no YouTube (Coelho & Farias, 2022). Essa tradição, no Baixo Amazonas, exerce uma função diacrônica quanto ao poder pastoral cristão com relação ao catolicismo oficial. Para a pesquisa sobre o “Terreiro de São Sebastião”, liderado por Mãe Bena de Oxóssi, utilizamos descrição etnográfica decorrente de observação participante, registros audiovisuais, entrevista semiestruturada com membros da comunidade e uma entrevista em profundidade com Mãe Bena. Embora Mãe Bena se diga católica, a admissão de elementos de matriz africana que caracteriza a Umbanda representa uma convivência de outra ordem. No terceiro caso, dada a dificuldade de obter autorização dos membros da comunidade neopentecostal, a pesquisa utilizou-se da metodologia da “etnografia de tela” (Balestrin & Soares, 2012), através de registros audiovisuais disponibilizados nas redes sociais, como

Instagram, TikTok, Facebook e YouTube, especificamente sobre a “Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus”, no bairro Grande Vitória, Zona Leste de Manaus.

O ritual de Recomendação de Almas em Parintins: o grupo “Caminhando com o Espírito Santo”

A existência dos Recomendadores de Almas em Parintins pode exemplificar a complementaridade entre resistência e biopoder no interior do Amazonas, onde práticas de religiosidade popular circulam certas ideias religiosas e de condução das almas, mesmo estando fora do controle eclesiástico oficial da Igreja Católica. Esta tradição, originária do catolicismo popular português e reterritorializada no Baixo Amazonas, exerce uma função diacrônica em relação ao poder pastoral cristão oficial. Os Recomendadores de Almas são homens que, trajados com uniformes brancos e uma toalha sobre a cabeça, se reúnem durante a Semana Santa ou no Dia de Finados para praticar o ritual de recomendação das almas em cemitérios e áreas rurais. Essa prática envolve orações, ladainhas e cânticos que visam purificar as almas dos mortos, intercedendo por aquelas no purgatório para ajudá-las a alcançar o céu. Apesar de muitas vezes ser vista com curiosidade ou temor, essa tradição mantém viva uma conexão profunda com o catolicismo medieval, refletindo a continuidade e a adaptação cultural em um contexto contemporâneo, ao mesmo tempo que ilustra a circulação e exercício de poder através das lideranças que perpetuam essas práticas religiosas.

A pesquisa etnográfica realizada com os participantes desse ritual revelou uma diversidade de formas e significados envolvidos nessa prática, variando conforme a origem, idade e experiência dos rezadores. Um aspecto comum entre eles é a capacidade de estabelecer uma comunicação com o “outro mundo”, seja através da sensação da presença das almas durante as rezas, seja por meio de sonhos que trazem mensagens dos antepassados. Os rezadores mais velhos, por exemplo, afirmam ter uma relação mais próxima com seus parentes falecidos, que lhes orientam e aconselham sobre como conduzir o ritual e a própria vida. Dessa forma, os Recomendadores de Almas demonstram uma forma singular de lidar com a morte e com a memória.

Embora esses aspectos das crenças populares façam parte das percepções sobre a morte na Amazônia, o Catolicismo também exerce uma influência significativa sobre essas crenças. A ideia principal, familiar a todos, é a da vida após a morte. Dessa forma, os Recomendadores de Almas, como agentes populares e difusores das ideias da Igreja Católica,

apresentam por meio de suas rezas e ladainhas seus conceitos sobre o assunto nessas comunidades. Os principais conceitos trabalhados pelos Recomendadores de Almas pertencem ao catolicismo oficial, com o purgatório sendo uma construção teológica da Idade Média. O purgatório é caracterizado como um estado intermediário onde as almas dos mortos passam por um processo de purificação antes de poderem entrar no céu. Conforme argumenta Le Goff, o conceito de purgatório foi desenvolvido como uma forma de exercer maior controle sobre os fiéis, permitindo à Igreja regular a vida das pessoas através de um sistema de penitência e salvação (*cf.* Le Goff, 2017)². Historicamente, essa concepção estabeleceu uma perspectiva de governo das condutas, onde o medo do purgatório e a esperança da salvação foram utilizados como ferramentas de poder e influência sobre as ações e crenças dos fiéis. A criação do purgatório e a promessa de expurgação no pós-morte intensificaram a campanha pela confissão auricular, vista pela igreja como essencial na busca pela salvação. O aumento da importância da auto incriminação e da penitência, como forma de evitar as penas do pecado, permitiu à igreja avançar decisivamente na pedagogia do medo. A criação da existência do purgatório fez com que as pessoas diminuíssem a importância da vida terrena, uma vez que o temor das consequências negativas da morte e do inferno era muito grande.

Noutro estudo de caso brasileiro, Deuzair Silva (2012) argumenta que o desenvolvimento pessoal e o acúmulo de bens na vida terrena deixaram de ser julgados necessários, pois eram contraditórios em relação à vida no paraíso. Estabeleceu-se a crença no julgamento individual, que gradualmente se sobrepôs à visão do julgamento no fim dos tempos, ajudando na perpetuação e na aceitação da “pedagogia do medo” estabelecida pela igreja. Além desses conceitos, sempre foi comum a presença de rituais relacionados à morte, que variam de tempo em tempo ou de região em região, funcionando como válvulas de escape no caminho da salvação das almas. Podemos observar esses rituais, como o sacramento, a confissão, uma simples oração pedindo proteção contra forças malignas ou rituais mais complexos que envolvem cânticos em latim ou autoflagelação que imitam a crucificação de Jesus Cristo. Os Recomendadores de Almas assumem sua posição de autoridades que lidam com a morte, intercedendo por meio de suas orações, ladainhas e cânticos pelas almas muitas vezes presas no purgatório. Normalmente, essas almas são de pessoas que em vida cometeram pecados considerados de maior ou menor gravidade, como morte por assassinato, morte por

² Na obra *Nascimento do purgatório*, investigando as práticas funerárias, as doutrinas religiosas e as instituições da Igreja Católica, Le Goff explora como a ideia do purgatório emergiu como uma categoria teológica e institucional, representando uma expansão do controle eclesiástico sobre a vida espiritual dos fiéis. Este livro auxilia a compreender não apenas as transformações na religiosidade medieval, mas também as formas pelas quais as instituições religiosas exerciam influência sobre a vida cotidiana e as crenças dos indivíduos.

cremação, morte por afogamento e a morte por suicídio, esta última considerada imperdoável, pois quem tira sua própria vida não merece o perdão de Deus. A morte apresenta vários significados dependendo do contexto em que está inserida. No campo religioso, mesmo sendo mais específico, há múltiplos sentidos sobre o assunto, já que há inúmeras crenças presentes no Amazonas que interpretam símbolos dentro de seu contexto.

O ritual de Recomendação de Alma é composto de cantos lamentosos, geralmente de caráter lúgubre, e os participantes rezam pelas almas de seus familiares falecidos ou pelas almas de outros tipos de mortos que consideram ainda necessitar de orações, como as almas do purgatório, as almas de determinado cemitério, as almas dos afogados e outros necessitados. No dia 2 de novembro, o feriado católico de Finados, é a data de se lembrar desses entes, presenteando seus túmulos com flores e velas, um gesto de amor realizado anualmente. Para os Recomendadores de Almas, a morte tem um significado além do vocacional. Eles acreditam que, além de contribuir com o bem-estar de familiares e amigos, também minimizam as dores emocionais daqueles que os procuram. Os pedidos feitos variam: o primeiro é para Jesus Cristo, o segundo para as almas benditas, o terceiro para os pais e mães falecidos, o quarto para as almas necessitadas, o quinto para as almas que morrem no rio, o sexto para as almas do fogo do purgatório e o último para as almas com pecado mortal. As ideias de morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização, unindo pessoas em grupos comuns ou separando-os de divergentes. Nesse ritual, há uma série de tipos de morte e orações específicas para cada uma, dependendo do pecado cometido em vida. A discussão em torno da morte gira em torno da ideia de salvação, pois a morte sempre esteve ligada à religiosidade das pessoas e ao fato de o ritual “curar” as dores sentimentais dos familiares.

Conforme constatado em observação participante, tal prática, ao priorizar as rezas cantadas sobre os instrumentos musicais, reflete uma dinâmica de poder onde a voz e a palavra desempenham papel dominante na configuração do ritual. Essa centralidade das rezas, em contraste com a complementaridade dos instrumentos, sugere haver uma ordem estrutural que regulamenta as interações entre os participantes e entre os vivos e os mortos. As rezas são entoadas com uma intensidade singular, ecoando não apenas no espaço físico do ritual, mas reverberando também nos corações e mentes dos presentes. Cada prece, cada verso, cada refrão é uma manifestação de devoção, uma ponte entre o visível e o invisível, entre o terreno e o divino. A categorização das rezas, correlato ao que destacou Carolina Pedreira em pesquisa correlata, mas em seu caso na Chapada Diamantina (2010), revela uma tentativa de

classificar e organizar as formas de poder espiritual presentes no ritual. Há uma taxonomia ritualística, que revela um princípio de ordenação do sagrado, e que se exerce enquanto forma de controlar e direcionar as energias espirituais presentes no espaço cerimonial. Os “Benditos de entrada”, os “Bendito-louvado-seja” e os “Benditos hagiológicos” são veículos de uma ordem simbólica, um código sagrado que une os participantes em torno de um propósito comum. A voz dos rezadores, em uníssono, ecoa pelos becos e vielas das comunidades, entoando uma ordem que é internalizada pelos participantes, que se submetem voluntariamente às regras e normas que então se estabelecem.

A análise dos Recomendadores de alma à luz da tese da *complementaridade* exposta por Heraldo Maués (1999) revela uma dinâmica de complementaridade biopolítica quanto a esse “dispositivo de religiosidade”. Por um lado, essa prática ritualística opera como um complemento ao poder eclesiástico oficial, utilizando-se de elementos difusos do catolicismo popular para ampliar sua influência e autoridade sobre as populações locais. Por outro lado, a Recomendação das Almas também se manifesta como um espaço de resistência cultural, incorporando elementos próprios e singulares à tradição do homem amazônico e reafirmando sua identidade cultural e sua autonomia frente às estruturas de poder estabelecidas. Assim, a prática de Recomendação das Almas se exerce como um dos aspectos de um dispositivo que, ao mesmo tempo em que complementa e se submete ao poder eclesiástico, também o desafia e o subverte. Ao desafiar as normas e instituições religiosas estabelecidas, os Recomendadores de Almas reivindicam um espaço de relativa autonomia e liberdade espiritual, onde suas práticas e crenças são relativamente alheias à intervenção externa. Essa resistência, embora aparentemente marginalizada pela igreja oficial, revela uma luta pela criação de uma cosmovisão própria, que não se reduz às imposições do poder pastoral. Nesse sentido, a análise foucaultiana do dispositivo biopolítico pode ser ampliada para compreender não apenas o controle exercido pelas instituições religiosas, mas também as estratégias de resistência adotadas por grupos marginalizados, que buscam preservar suas tradições e formas de conhecimento frente à hegemonia do poder eclesiástico oficial.

A prática da Umbanda em Parintins: o Terreiro de São Sebastião (Oxóssi) liderado por Mãe Bena

Nesta seção, voltamos nossa atenção para a análise do terreiro de São Sebastião (Oxóssi), liderado por Mãe Bena, situado no município de Parintins. Há um estudo em

andamento que tem como objetivo explorar as práticas de resistência e preservação cultural presentes neste espaço, em meio a um contexto marcado pela diversidade religiosa amazônica. Diante das lacunas na compreensão da Umbanda na região Norte do Brasil, busca-se contribuir para uma compreensão mais profunda e contextualizada dessa expressão religiosa na Amazônia. Para a realização deste estudo, vem-se adotando uma abordagem metodológica que integra análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas ou em profundidade.

A presença das religiões de matriz africana em Parintins é um fenômeno que remonta a períodos históricos longínquos. Segundo relatos de Antônio Bittencourt (1924), a região onde se localiza Parintins foi habitada por diversas etnias indígenas, como os Tupinambá, Sapupé, Sateré-Mawé, Peruviano, Uapixana e Mundurucu, desde o período colonial. A cidade, inicialmente conhecida como Maracá, foi cenário de atividades econômicas como a pesca do pirarucu e a agricultura, desenvolvidas por colonizadores e escravizados. Com o tempo, a região foi sendo povoada por diferentes grupos étnicos, culminando na formação do município de Parintins, cujo nome foi oficializado em 1880. A diversidade cultural e étnica sempre foi uma característica marcante da cidade, refletida em festas populares como o Festival Folclórico, festas juninas e outras manifestações culturais. A religiosidade também desempenha um papel significativo na identidade social de Parintins, onde o catolicismo exerceu uma influência predominante durante muitos anos, mas o neopentecostalismo tem ganhado espaço progressivamente, a exemplo do que ocorre em todo o país. A presença negra na cidade é evidente, embora muitas vezes não seja devidamente reconhecida, como destacado em estudo recente por Jéssica Gomes (2022). Negros e negras ocupam diversos espaços na sociedade parintinense, contribuindo ativamente para a cultura local, que começou a incorporar elementos da cultura afro-brasileira mais recentemente.

No contexto religioso, a Umbanda, tal como é reconhecida sob este nome, teve seu início em Parintins com a chegada de Daniel Adelino de Souza Brito, também conhecido como “Pai Daniel”, em 1983. Pai Daniel, primeiro Babalorixá da cidade, estabeleceu o Centro Espírita de Umbanda São Cosme e Damião, onde realizava seus trabalhos espirituais. Ele foi fundamental para o desenvolvimento da Umbanda na região, transmitindo seus conhecimentos e desenvolvendo a mediunidade de novos líderes religiosos, como Benedita Pinto dos Santos, mais conhecida como “Mãe Bena”. Mãe Bena, nascida na Comunidade Paraná do Arco, é uma das principais lideranças religiosas de Parintins, tendo dedicado mais de 40 anos de sua vida à Umbanda. Seu terreiro é um espaço de grande relevância para a

comunidade local. O envolvimento profundo de Mãe Bena com a espiritualidade começou quando, aos 18 anos, ela aceitou o chamado de seus orixás e desenvolveu sua mediunidade sob a orientação do Pai Daniel, em um processo conhecido como “tratamento espiritual”. Atualmente, é reconhecida como uma das principais figuras espirituais do município, tendo sido vice-presidente da União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil/Sucursal Parintins durante a gestão de Pai Daniel.

O Terreiro São Sebastião teve sua fundação em 1989 por Mãe Bena, no Beco Raimundo Luiz de Menezes, conhecido como Beco do Sapo. Após 19 anos de atividade, o terreiro foi obrigado a mudar-se devido a atos de vandalismo de outro grupo religioso. Em 2008, os adeptos reconstruíram o centro espiritual em sua localização atual. Esse processo de deslocamento destaca tanto a intolerância religiosa quanto a resistência sociocultural praticada pelos umbandistas, que continuaram a adorar suas entidades sagradas apesar das adversidades. Essa dinâmica de deslocamento territorial é emblemática de um fenômeno mais amplo de desterritorialização e reterritorialização, conceitos abordados neste estudo. Parintins abriga atualmente cinco terreiros de Umbanda, cada um expressando a singularidade e homogeneidade de culturas entrelaçadas, desde a pajelança até o catolicismo. Esses espaços rituais, predominantemente localizados em áreas periféricas e subalternas, são palcos de rituais que celebram as divindades veneradas pelos praticantes. Apesar das adversidades e da falta de reconhecimento social, os terreiros de Umbanda representam locais de pertencimento e resistência, onde a fé e a espiritualidade são cultivadas e vivenciadas por meio da comunidade.

A presença marcante da Umbanda em Parintins revela-se através de seus pontos cantados que celebram a relação entre os espíritos e a vida na Amazônia, onde seres encantados podem tanto auxiliar quanto prejudicar os humanos, exigindo respeito e rituais específicos. Em uma entrevista concedida em 2021, Mãe Bena compartilhou sua experiência como médium desde a infância, descrevendo sua jornada espiritual e o processo de aceitação de sua missão. Ela destaca a dualidade religiosa em sua vida, frequentando tanto a igreja católica quanto o terreiro de Umbanda, e como seu envolvimento na religião afro-brasileira foi moldado por eventos familiares, como a doença de sua mãe. Mãe Bena também relata os desafios enfrentados ao longo de sua trajetória, incluindo a discriminação e a perda de seu marido, mas destaca o apoio de sua família e de sua comunidade espiritual como fontes de força e motivação. Ela enfatiza a importância do livre arbítrio na Umbanda e o papel dos médiuns como intermediários entre os guias espirituais e os fiéis, ressaltando a diversidade de

entidades e práticas dentro da religião. Por fim, Mãe Bena rejeita os estereótipos negativos associados à Umbanda e defende a integridade de suas entidades espirituais, como Seu Zé Pilintra, que, segundo ela, nunca agiram de forma inadequada em suas experiências de trabalho espiritual. A atitude de Mãe Bena em defender seu guia espiritual tanto na rádio quanto na delegacia evidencia uma forma de resistência ante a intolerância religiosa, fenômeno intrinsecamente relacionado ao biopoder, que se manifesta não apenas através da imposição direta de barreiras, mas também por meio de dinâmicas complementares de controle e regulação das práticas religiosas consideradas marginais. Este caso específico exemplifica a interseção entre a resistência subjetiva e as estruturas de poder, em que a luta contra a marginalização religiosa se entrelaça com as nuances do biopoder.

Outra situação, na qual Mãe Bena foi impedida de frequentar um colégio público devido a divergências religiosas, mas posteriormente completou seus estudos em uma instituição de outra denominação cristã, oferece um ponto de reflexão sobre a dinâmica de inclusão/exclusão no contexto educacional. Nesse sentido, sua capacidade de adaptação e superação dessas barreiras demonstra uma forma de resistência que se dinamiza com o dispositivo de governamentalidade característico do biopoder. O reconhecimento de sua militância religiosa pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em 2019 sinaliza a interseção entre esferas políticas e religiosas, evidenciando como a atuação política pode se tornar uma ferramenta de resistência contra a marginalização e a discriminação religiosa. No entanto, tal reconhecimento ainda demanda uma análise mais aprofundada das estruturas de poder subjacentes, a fim de promover mudanças efetivas na sociedade e transcender as superficiais manifestações de reconhecimento. A persistência de Mãe Bena em cumprir suas obrigações religiosas, apesar das dificuldades pessoais enfrentadas, ressalta a importância da responsabilidade e do comprometimento na prática religiosa como formas de resistência contra as adversidades e perdas. Sua trajetória espiritual de mais de 40 anos é emblemática não apenas de seu próprio empoderamento feminino, mas também de sua representatividade como voz de todas as mulheres negras inseridas na complexa teia sociocultural da região amazônica. Em suma, a pesquisa em curso sobre a trajetória de Mãe Bena na Umbanda em Parintins vem revelando uma interseção complexa entre resistência e controle biopolítico. Sua capacidade de adaptação às adversidades e seu engajamento na defesa de suas crenças religiosas são exemplos de formas de resistência subjetiva contra a marginalização religiosa e as imposições do biopoder. Além disso, a experiência de Mãe Bena também evidencia como

as relações de poder permeiam todos os aspectos da vida social, desde o acesso à educação até o reconhecimento político.

A relação entre a Umbanda e o ritual de Recomendação de Almas é que as lideranças espirituais, mesmo à margem da religião oficial, também fazem circular relações biopolíticas. A Umbanda incorpora elementos das religiões de matriz africana em suas práticas e, no caso da Umbanda praticada no Amazonas, há uma forte presença da pajelança e de elementos de matriz indígena e ribeirinha. Assim, a complementaridade entre resistência e controle biopolítico se manifesta de maneira intrincada e multifacetada, ressaltando a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada para compreender as dinâmicas sociais e culturais em Parintins e além. A trajetória de Mãe Bena ilustra como as práticas religiosas podem servir tanto como formas de resistência quanto como meios de exercer e circular poder, destacando a complexidade das relações de poder e resistência na região amazônica.

O neopentecostalismo em Manaus: a Igreja Pentecostal Bíblica Plenitude de Deus

A emergência do neopentecostalismo como uma força religiosa influente traz consigo dinâmicas distintas de controle social e de governo das condutas, que se revelam mais sutis e adaptativas em comparação com as formas tradicionais de resistência observadas nos contextos religiosos anteriormente analisados. O neopentecostalismo se destaca por sua abordagem paradoxal em relação aos elementos rituais de matriz africana. Enquanto incorpora esses elementos em sua liturgia para criar uma experiência sensorial catártica para seus fiéis, simultaneamente os *denega*³ e os rotula como “não cristãos” ou “demoníacos”. Esta contradição entre discurso e prática religiosa não apenas evidencia a hipocrisia embutida na atitude neopentecostal em relação à diversidade cultural, mas também desencadeia processos

³ No contexto da análise da *denegação* das raízes afro-brasileiras no neopentecostalismo, podemos explorar a contribuição de Frantz Fanon e Jacques Lacan, especialmente na forma como suas teorias são mobilizadas por Lélia González (2020) para fundamentar sua análise do racismo no Brasil. Fanon, em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), explora a psicodinâmica do racismo e seus efeitos sobre a subjetividade negra. Ele argumenta que, sob o domínio de uma cultura colonial branca, os negros internalizam uma autoimagem negativa, reproduzindo padrões de inferioridade e alienação. Essa internalização do racismo é também abordada por Lacan, especialmente em sua teoria do espelho, onde ele descreve como a criança em desenvolvimento constrói sua identidade através da percepção de sua imagem refletida no espelho. González, ao aplicar as teorias de Fanon e Lacan ao contexto brasileiro, destaca como o racismo opera não apenas através de formas explícitas de discriminação, mas também de maneira sutil e internalizada, moldando as identidades individuais e coletivas dos afrodescendentes. Nesse sentido, ao examinarmos a negação das raízes afro-brasileiras no neopentecostalismo, podemos compreender essa dinâmica como uma manifestação do racismo internalizado descrito por Fanon e Lacan. A negação das origens africanas, ao mesmo tempo em que se apropria seletivamente de elementos dessas tradições, reflete uma busca por validação dentro de um contexto cultural dominado pela supremacia branca. Essa dinâmica de autonegação é, portanto, uma manifestação do racismo estrutural e internalizado que permeia as estruturas sociais e culturais do Brasil, conforme articulado por Lélia González.

de discriminação e exclusão que têm impactos significativos no imaginário social e na identidade cultural das comunidades afro-brasileiras. A relevância dessa *denegação* de elementos africanos em suas práticas é que ela reforça a subjugação cultural e religiosa, mantendo o controle sobre os fiéis através de uma narrativa que simultaneamente exorciza e utiliza esses elementos. Assim, este estudo visa não apenas investigar essa contradição, mas também promover um diálogo amplo e plural que desafie os preconceitos enraizados e estimule reflexões críticas sobre as dinâmicas de poder, identidade e resistência em contexto religioso e cultural. Ao destacar a utilização e a denegação simultânea dos elementos de religiões de matriz africana, expõem-se as complexas interações de poder que sustentam a influência do neopentecostalismo e seu impacto na diversidade cultural e religiosa da Amazônia.

Devido à complexidade temática, é crucial considerar o caráter de empréstimo de elementos de outras matrizes religiosas não apenas nas manifestações religiosas no Brasil, mas principalmente no neopentecostalismo, a fim de investigar as peculiaridades desse fenômeno. Uma análise aprofundada dessas questões possibilita inferências sobre as consequências dessas particularidades e das relações antagônicas entre elas no campo religioso e social brasileiro. Vale ressaltar que o neopentecostalismo não se restringe ao Brasil, mas tem uma presença marcante em todo o continente latino-americano, manifestando-se através de estratégias adaptativas que visam à sua expansão global. A crescente influência neopentecostal não apenas molda a paisagem religiosa, mas também influencia a estruturação social, alinhando-se com uma aspiração expansionista e universalista que caracteriza essa corrente religiosa.

Nesse contexto, torna-se relevante examinar o paradoxo subjacente à presença e à segregação de elementos afro-brasileiros nas práticas neopentecostais, especialmente nas igrejas presentes em Manaus. A nação brasileira, por sua vez, é multifacetada, multicultural e marcada pela incorporação de elementos de diversas tradições religiosas em suas práticas. A pesquisa em andamento vem investigando as interações entre as práticas neopentecostais e as tradições afro-brasileiras, considerando não apenas os aspectos religiosos, mas também as implicações sociais e culturais dessas interações. Em termos metodológicos, utiliza-se uma abordagem analítica que considera o contexto histórico, social e cultural em que essas práticas religiosas estão inseridas. A análise vem sendo guiada pela investigação das origens e da expansão do neopentecostalismo, bem como das estratégias utilizadas por essas igrejas para afirmar sua identidade religiosa e promover sua agenda expansionista. Nesse contexto, é

fundamental considerar que, ao adotar elementos de outras matrizes religiosas, o neopentecostalismo não apenas amplia sua base de adeptos, mas também reconfigura sua prática religiosa. A teoria da prosperidade, por exemplo, desempenha um papel central nesse processo, ao promover a ideia de que os fiéis devem buscar não apenas a salvação espiritual, mas também a prosperidade material. Essa teoria, introduzida no Brasil por meio da Igreja Nova Vida, teve um impacto significativo no neopentecostalismo, especialmente nas igrejas lideradas por figuras como Edir Macedo e R. R. Soares, contribuindo para sua expansão e influência.

A utilização de elementos rituais de matriz africana nas práticas neopentecostais, embora paradoxal, é estratégica. Esses elementos, como a linguagem corporal, a dança e a musicalidade, são incorporados para atrair os fiéis, especialmente os de origem africana, e estimular uma experiência sensorial intensa durante os cultos. Essa abordagem, segundo Oliveira (2004), permite que os neopentecostais se conectem com aspectos culturais e religiosos específicos das comunidades afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que mantêm sua própria doutrina e prática religiosa. Esse conflito, como aponta Botas (1996), revela a necessidade de uma abordagem crítica, que deve considerar não apenas a dimensão teológica, mas também a sociocultural e política. Nesse contexto de crescimento e consolidação, as igrejas pentecostais se tornaram mais assertivas em suas estratégias de proselitismo e conversão em massa, mantendo uma forte ênfase na cura divina e no exercício dos dons espirituais. No entanto, é importante ressaltar que essa expansão não ocorreu de forma homogênea, e sim permeada por tensões internas e disputas teológicas. O pentecostalismo brasileiro experimentou uma transformação significativa, expandindo sua base de igrejas, diversificando as denominações e consolidando sua presença social. Essa chamada "segunda onda do pentecostalismo", que se estende até os dias atuais, manteve as características fundamentais do movimento, como a ênfase nos dons carismáticos, o sectarismo e o ascetismo (Mariano, 1999, p. 31).

A compreensão da religiosidade afro-brasileira e sua relação com o neopentecostalismo precisam ser contextualizadas dentro dessas dinâmicas mais amplas. Com a etnografia de tela, é possível atestar diversas falas proferidas por pastores durante cultos, nas quais desqualificam e afirmam que as religiões de matriz africana são a origem de malefícios, associando-as ao demônio e às forças malignas. No entanto, paradoxalmente, essas mesmas igrejas neopentecostais se servem de elementos rituais que têm origem nessas religiões, embora o façam negando ou deslegitimando essa origem. Esse fenômeno oferece

um exemplo vívido da tese de Lélia González sobre o racismo ser de nível inconsciente. González argumenta que o racismo não se manifesta apenas em atitudes explícitas de discriminação, mas também de maneira sutil e internalizada, permeando as estruturas sociais e culturais de forma implícita e muitas vezes inadvertida. Nesse sentido, o uso seletivo e contraditório de elementos rituais africanos pelas igrejas neopentecostais revela uma forma de racismo que opera no nível inconsciente, perpetuando estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade brasileira.

No contexto do neopentecostalismo, contudo, é possível não apenas analisar a dinâmica de poder estabelecida pela igreja, mas também reconhecer a presença e a relevância da resistência por parte dos fiéis. Embora o neopentecostalismo seja frequentemente associado a estruturas hierárquicas e doutrinárias rígidas, ele só se exerce de modo tão difuso por oferecer espaços para a constituição de um *ethos*, que pode assumir várias formas, desde questionamentos internos sobre aspectos doutrinários até manifestações externas de descontentamento ou busca por alternativas espirituais. A complexidade da dinâmica biopolítica no neopentecostalismo reside no fato de que ela ocorre dentro de um contexto religioso eficazmente normalizador. Os fiéis que se engajam nesse processo muitas vezes enfrentam desafios significativos, incluindo ostracismo social, pressão psicológica e até mesmo sanções formais por parte da igreja. No entanto, apesar dessas adversidades, muitos indivíduos encontram maneiras criativas e sutis de resistir dentro do próprio sistema neopentecostal.

Enquanto as igrejas neopentecostais frequentemente negam ou desqualificam publicamente elementos das religiões de matriz africana, a presença de formas de resistência dentro dessas mesmas igrejas indica uma relação mais complexa e contraditória com essas tradições religiosas. A denegação das religiões afro-brasileiras pode ser vista não apenas como uma estratégia de legitimação e distinção por parte do neopentecostalismo, mas também como uma tentativa de suprimir ou neutralizar formas alternativas de religiosidade que representam uma ameaça à sua autoridade e hegemonia. Portanto, ao considerar a relação entre a denegação das religiões afro-brasileiras e a presença de resistência no neopentecostalismo, é essencial adotar uma abordagem analítica que leve em conta não apenas as dimensões religiosas, mas também os aspectos sociais, políticos e culturais envolvidos. Essa análise mais ampla pode oferecer insights valiosos sobre as dinâmicas de poder, identidade e resistência no contexto religioso e cultural brasileiro, contribuindo para

uma compreensão mais profunda e nuançada das interações entre as diferentes tradições religiosas e suas influências na sociedade amazonense contemporânea.

CONCLUSÃO

Neste artigo, fica claro que a religião não é apenas uma questão de espiritualidade, mas sobretudo um dispositivo no qual se implicam complexas dinâmicas de poder, resistência e governamentalidade. Em cada um dos casos examinados, observamos não apenas estratégias de resistência contra formas estabelecidas de poder, mas também uma sofisticada prática de governo de si e dos outros. A religião, assim como as formas mais tradicionais de poder, oferece estratégias de ascese e controle que moldam e regem os corpos, as vidas e as almas das pessoas. Ao empregar uma abordagem biopolítica, podemos compreender melhor como as práticas religiosas não apenas refletem, mas também contribuem ativamente para a configuração do campo social e político. A complementaridade entre resistência e controle, entre práticas de ascese e de constituição de si, oferece um quadro complexo e multifacetado das dinâmicas religiosas na Amazônia, apontando para a necessidade de uma análise mais abrangente e contextualizada desses fenômenos.

REFERÊNCIAS

- BALESTRIN, P.; SOARES, R. “Etnografia de tela’: uma proposta metodológica”. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Eds.). **Metodologia de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 89–112.
- BITTENCOURT, Antônio. **Memória do município de Parintins**: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Livraria Palan Royal, 1924.
- BOTAS, Paulo. **Carne do sagrado – edun ara**: devaneios sobre a espiritualidade dos orixás. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COELHO, Helon da Silva & FARIAS, Yandrei Souza. **Nossa comunidade**: Recomendadores de Almas. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Jornalismo. Parintins: UFAM, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ubu, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Ubu, 2022.

GOMES, Jéssica Dayse Matos. **Negros em Parintins/AM: relações raciais, fronteiras étnicas e reconhecimento identitário**. Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2022.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MAUÉS, Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup, 1999.

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

PEDREIRA, Carolina. “Reza não é música: a lamentação das almas na Chapada Diamantina”. In: **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/15532>. Acesso em: 26 maio. 2024.

SILVA, Deuzair. **A (re)invenção do fim: lugares, ritos e secularizações da morte em Goiás no século XIX**. Tese de Doutorado em História. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).